

# Um encontro com Svetlana Aleksievitch

Sonia Branco<sup>1</sup>

Ao meio-dia, o voo da Aeroflot pousou na ensolarada Minsk, deixando para trás os vários meses daquele céu baixo, frio e branco do inverno russo. Para os que não sabem, o inverno russo é a época em que o pintor celestial recolhe a sua magnífica paleta de cores ao interior das igrejas ortodoxas, tornando a vida mundana visível apenas em seus contornos incertos, acinzentados e nebulosos. Isso é o que, amiúde, nos revela a literatura russa desde Púchkin, Gógol e Dostoiévski.

Que alegria rever, nesse tímido ensaio da primavera bielorrussa, os icônicos tons de azul, vermelho e dourado incidindo sobre prédios, pavimentos nevados e árvores nuas! Ao contornar a hospedaria, era possível atravessar imensos parques e ouvir “as águas jubilosas dos rios rompendo o gelo”, imagem tantas vezes revivida nas obras dos escritores russos. Perdi-me por longo tempo nessa nova paisagem entre as largas avenidas soviéticas com

seus prédios austeros, que por vezes levam a ruas estreitas e tortuosas, cujas casas remetem provavelmente à época do antigo império polaco-lituano. Aproveitei para desbravar o novo território, uma vez que o encontro que me trouxe àquela cidade se daria apenas na tarde do dia seguinte.

Ao cair da noite, abriguei-me de uma fraca nevasca no pequeno bistrô “Olivo café” da Avenida Niezavíssimosti, onde provei uma iguaria tão popular quanto rara para mim, uma “sopa camponesa” de cogumelos secos. Lembrou-me da culinária kieviana. Aí está: duas terras onde simplesmente se come tão bem!

Conheci Svetlana há alguns anos, por ocasião do lançamento do seu primeiro livro no Brasil, *Voices de Tchernóbil*<sup>2</sup>, que eu havia traduzido, e desde então fora marcado este “convite para o chá”, assim que me fosse possível visitá-la. Aparecendo a oportunidade, eu sentia intuitivamente que não veria

<sup>1</sup> Professora de Literatura Russa da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Traduziu, entre outros títulos, *Contos de Sebastopol*, *Os Cossacos*, *Doutor Jivago* e *Voices de Tchernóbil*.

<sup>2</sup> No original “Oração de Tchernóbil”.

novamente aquelas paragens e buscava trazer ao coração as imagens para que elas não se perdessem, como inevitavelmente se perdem as fotografias.

À noite, no entanto, um pensamento me perturbou: “é verdade que eu trouxe uma lembrança, um clássico do chorinho brasileiro, mas...” - eu sentia que faltava alguma coisa, que deveria dar algo mais à Svetlana e não apenas ir ao seu encontro para ouvi-la, com o fito egoísta de absorver suas ideias e opiniões. Fiquei um bom tempo matutando o que eu poderia lhe oferecer de mais substancial e interessante. Súbito, me veio a ideia de que deveria interessá-la saber o destino de suas obras no Brasil. Bem, é verdade que nunca antes eu havia pensado nesse assunto, mas é também verdade que eu possuía alguns dados a partir das minhas observações e das conversas com livreiros... Seja o que Deus quiser, resolvi preparar imediatamente um pequeno texto em russo para organizar aquelas informações casuais, de forma a que ficassem bem claras para mim e para ela. E assim aconteceu.

O dia seguinte estava magnífico. Saí cedo para ter tempo de me perder pelas ruelas mais antigas da cidade e mergulhar na sua história, sabendo que o meu senso de orientação é sempre sofrível em razão de uma excessiva introspecção, mas também com a certeza de que “todos os caminhos levam a Roma”.

E assim, consegui chegar pontualmente às 15h ao apartamento recém-comprado em um prédio moderno. Bem perto dali, estava o velho

prédio soviético, onde a escritora vivera boa parte da sua vida. Ainda no vestibulo, trocando as botas molhadas de neve por chinelos, ouço a pergunta:

- Sonia, você sabe qual foi o destino dos meus livros no Brasil?

- “Anjos da China,” - veio-me essa curiosa expressão do cocheiro de Dr. Jivago, no romance homônimo de Pasternak. - “As mesmíssimas palavras me vieram ontem à cabeça” - pensei. - Sim, sim - sorri - eu trouxe algumas informações sobre isso para você.

Inicialmente, pensei em gravar a nossa conversa, mas as coisas foram de tal ordem que...

Svetlana imediatamente se dedicou a montar o seu novo aparelho de som para conhecer a música brasileira chorosa, o que levou bastante tempo, diga-se de passagem, já que teve de contar com a ajuda do genro e neta, que vieram conhecer a tradutora de um país distante. Quando ficamos a sós novamente, fomos à cozinha preparar os quitutes do chá sob o fundo musical de Pixinguinha que, verdade seja dita, fez muito sucesso naquele cantinho de Minsk.

- Dentre os seus livros, o mais popular é certamente *A guerra não tem rosto de mulher* - disse eu. - Conversei com livreiros sobre as vendas. Mas o que o torna popular não é o tema da guerra, e sim o tema da mulher.

- Como assim? - perguntou-me.

- Veja, a guerra é algo muito distante de nós. É apenas uma matéria de escola. Por outro lado, o tema sobre a mulher, feminismo e questão de gênero, é muito debatido. O livro teve diversas adaptações para o teatro; e alguns

trechos foram extraídos e recitados como poemas, em performances públicas.

- Interessante! Aconteceu algo parecido em alguns países europeus, como a França. Tenho notícias de várias montagens teatrais, justamente tratando o tema da mulher e do feminino.

- Você acha que as novas gerações europeias se distanciaram da memória da Grande Guerra? - perguntei.

- De certa forma, sim. Em países do Leste, onde a devastação foi enorme, a memória da guerra é cultuada, mas há questões que permanecem sem espaço, como a discussão sobre a participação das mulheres na guerra.

- O segundo livro mais popular é *Vozes de Tchernóbil*. - prossegui - É uma obra mais complexa, pois embora as entrevistas apresentem os efeitos do acidente nuclear sobre as pessoas, a leitura geral do tema a partir da “mudez” e do “abalo” (como você diz) sugere uma nova filosofia do tempo, ou, pelo menos, uma ressignificação do tempo. O livro obteve muito sucesso, mas eu acredito que muita gente não alcançou a ideia central e se ateve mais às histórias pessoais, como pude verificar. Entretanto, no meio acadêmico a sua proposta gera muitas discussões. Eu mesma fui convidada algumas vezes para participar de debates sobre a obra em universidades. E, a meu ver, um ponto importante é o fato de que a narração da catástrofe não é habitual, isto é, não são os sobreviventes que dão os seus testemunhos, e sim aqueles que

ainda vão morrer. Isso atribui outra significação à obra, não sei se já foi escrito algo assim.

- Sim - diz Svetlana - Tchernóbil apresenta uma outra realidade, desafia o limite entre história e literatura.

- Sim. Provoca também discussões sobre o significado e a forma da literatura documental, na tentativa de compreender a obra por este caminho.

- Mas é também sobre a vida soviética, - acrescenta a escritora - sobre a irrupção nela do sagrado, da visão não-antropológica do mundo, ou seja, o mundo enquanto unidade, onde todas as coisas são partes equânimes da natureza: as pessoas, os animais, as árvores; a visão pagã, que permaneceu na base do pensamento ortodoxo e que foi descartada pelo Ocidente.

- Esse é um assunto muito interessante... Dos seus três livros já publicados no Brasil, o que parece ter menos leitores é *O fim do homem soviético*<sup>3</sup>.

- A que você atribui?

- Atribuo ao fato de ser um tema mais específico, pouco conhecido do público comum do meu país. Os especialistas se interessam, certamente, os historiadores, os estudiosos... mas não alcança o público geral. Já os temas dos outros livros estão presentes de várias formas na sociedade: a catástrofe, a questão da mulher, do feminino. Têm um apelo maior.

- Humm, pelo que você diz, as questões do “homem sem importância”<sup>4</sup>

<sup>3</sup> No original: “Tempo de segunda mão”.

<sup>4</sup> Em russo: *málenki tcheloviek*, refere-se ao prototípico personagem do homem comum, que

se sobrepõem, agradam mais ao público leitor?

- Parece que sim – disse eu, sem muita certeza, refletindo ainda sobre a pergunta. - E o seu próximo livro? Sobre o amor...?

- Sobre o amor. Venho trabalhando nele há cinco anos, sem pressa. Estou revendo os materiais que deram origem aos meus outros livros, pois é a partir deles que vou pensar o amor. Várias expressões do amor. Por que decidi escrever? Para equilibrar um pouco essa enciclopédia da vida soviética. Já escrevi sobre as pessoas na guerra, sobre como o império desabou e como Tchernóbil aconteceu... Eu pensei em duas coisas: amor e morte. Este é sobre o amor; sobre como as pessoas tentam ser felizes, e também sobre a velhice. Mas, na verdade, estou trabalhando em dois livros: sobre o amor e sobre a morte... No meu ciclo "Utopia Vermelha", as condições de crise são o principal teste para a humanidade; no amor, são as emoções. E na morte ... Bem, a morte é inevitável.

Antes de voltar à hospedaria, passei novamente no bistrô "Olivo café" para me despedir da sopa camponesa, desta vez regada a duas taças de vinho. Tomara que a primavera já tenha desabrochado nos céus moscovitas, pensei.

xx

---

se consagrou na literatura russa desde os anos de 1840.